

Jogo alusivo nas crônicas oitocentistas de Machado de Assis

Prof.a Dra. Vânia Lúcia Menezes Torga (UESC)¹

RESUMO: *Estudo sobre o processo e produto da leitura e escrita de algumas crônicas de Machado de Assis, buscando delinear, com a alusão, estratégia mediadora dos movimentos da intertextualidade, o leitor-modelo do autor-modelo de Machado na contemporaneidade, dimensionados pela memória (lembrança/esquecimento na articulação lingüístico-semântica que operacionaliza a alusão em: “A Semana, Bons dias , de Machado de Assis.*

Palavras- chave: *alusão, leitura ,estratégias textuais, crônicas machadianas.*

“eu apertei os [olhos] meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.” (Assis, M.1900).

Introdução

Minhas pesquisas, envolvendo a leitura com a alusão, na qualidade de estratégia de leitura do texto literário e as relações intertextuais ou interdiscursivas se devem ao desejo de apertar os olhos para ver *coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número, coisas de míopes porque a vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam no texto literário*. E é ela que tem mediado minhas pesquisas com a alusão no texto literário e, de uma certa forma, me fez esbarrar em Machado, o cronista e volta e meia ser cutucada por ele. Pois bem, neste texto emponho a pensar as relações intertextuais, que o estrategista Machado nos propõe e ao falar de intertextualidade e jogo alusivo, penso em transformação, e até mesmo em desconstrução.

E por que desconstrução? Ao se estabelecerem as relações intertextuais, entendo que já não se permite pensar os textos como originis, ou como um texto que traz outros textos para si, mas o que a alusão e a intertextualidade fazem, como movimento, é a desestabilização de certos sentidos primeiros para um outros certos sentidos novos. E o que Machado de Assis provoca no seu leitor é este deslocamento. E em se pensando no gênero crônica é o deslocar de um gênero do cotidiano para o gênero complexo, o texto literário, em que a partir do retrato do cotidiano ele o ficcionaliza, conforme afirma Brayner (1992)

Pela apreensão do fato do cotidiano, desimportante enquanto ação, mas capaz de gerar um conteúdo pitoresco e urbano das relações sociais do Rio de Janeiro do final do século, vistos com olhos contrastantes do humor benévolo, zombeteiro mesmo.[...] historiador da cidade torna-se ficcionista da trama das relações semânticas e sintáticas. Do historiador tentou copiar os procedimentos de controle do conteúdo da informação, [...] Entretanto, a fantasiada ficção se instala,

provocando ambiguidade própria da narrativa testemunhal, cuja subjetividade acaba por dominar a instância da enunciação.

E se tomamos Bakhtin em *Estética da criação verbal*, quando ele afirma que os gêneros primários - os gêneros do cotidiano se fazem presentes nos gêneros complexos, entendo que aí se encontra a perspectiva desconstrucionista, deslocadora dos sentidos que precisam, para fazer sentido, do arcabouço genérico.

Para ele (1997)

(...) toda enunciação efetiva, seja qual for sua forma, conta sempre com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros, encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.

Entendemos que se as esferas enunciativas são territórios sócio-históricos, territórios da ação humana, portanto, são lugar de tensão que por sua vez gera o deslocamento necessário à produção dos sentidos pelo jogo alusivo.

O fragmento de Bakhtin, supracitado, aponta para a ação mediadora do processo alusivo que permite que se estabeleça a interação da paráfrase com o pastiche, já que toda paráfrase traz, em gérmen, a sua negação a qual entra no processo de produção do sentido com a negação do acréscimo da diferença que vem com o pastiche. Entende-se o conflito como integrante da tensão no processo de produção de sentido o que permite a ocorrência tanto da reprodução quanto da transformação.

A alusão é a estratégia mediadora dos movimentos da intertextualidade, que é espaço contraditório da memória: o esquecer, recriado; o lembrado, reestruturado, em que fica o que significa, reproduzido pela transformação. A memória não reproduz absolutamente o que foi, mas refaz o passado, reconstrói o vivido sob o olhar do tempo presente que não é apenas individual, mas social. Exige, pois, um trabalho de transformação, de deslocamento mas, como num palimpsesto, conserva, relativamente, as características do todo de que é parte e do qual a memória faz o recorte ao lembrar o que significa.

Pra quem sabe lê um pinguêlê: “*melhor aludir que nomear*”

O subtítulo, mescla um verso de Manuel de Barros e um ditado popular. E aqui neste artigo se mesclam, também, dois gêneros: o ditado popular e a crônica. Um e outra têm uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural“(Cândido,1981,pág. 4) ou como diria Eça , a crônica "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou

ouvindo, perguntando, esmiuçando" (Angelo, I, 2005). Também aqui a mesclagem dos dois gêneros, pois o ditado popular revela sua síntese conhecimento popular sobre o cotidiano.

Para mim, um e outro são entendidos como o modo de constituição do todo, entendendo-se esse todo como o modo de organização das experiências com a linguagem. E essa organização das experiências é o modo como se processam as relações dialógicas. Tanto em um quanto em outro os sentidos se dão na imediato, ainda que não se deixe de considerar o mediato de suas motivações.

Se de um lado, no Ditado Popular não é possível, nem necessária a identificação do sujeito empírico que assuma uma posição de exterioridade a partir da qual se projetem os sujeitos de linguagem enquanto "eu", o que passa a circular como dito, são as construções de linguagem. Ou seja, são as estratégias textuais de produção de sentido, que caracterizam as ações de linguagem configuradas como o "eu" e como o "outro", nas esferas de produção e de recepção de sentidos. O que faz a especificidade das relações dialógicas do Gênero Ditado é: o que circula como produção e como recepção não são os sujeitos empíricos, mas os sujeitos de linguagem presentes no que pode ser identificado como relação autor-modelo / leitor-modelo tanto na oralidade como na escrita. Por isso, não dizemos que o Ditado tenha um nome que identifique os sujeitos empíricos, enquanto dimensões de pessoa em interlocução na produção e na recepção de sentidos.

De outro lado, na crônica, o sujeito empírico, enquanto pessoa que veste a condição de autor, vale pela sua posição particular de exterioridade a partir da qual produz a relação dialógica que o produz como locutor – eu – em movimento interativo com o seu interlocutor – o outro. Ou seja, na crônica, o sujeito empírico produz as construções que o identificam socialmente como o agente que produz os sujeitos de linguagem: o autor empírico vale pelo seu papel de agente que produz a si como autor-modelo e, simultaneamente, o leitor, não como pessoa, mas como produção de linguagem produzida pelo imaginário do autor empírico: o leitor-modelo. E essa dimensão imaginária do leitor, na crônica, é socialmente esperada como construção de linguagem que atua cooperativamente com o autor-modelo. Mas isso, contudo, não significa dizer que o leitor empírico, no gênero crônica, não tenha, ainda, a sua posição de exterioridade, de onde projeta, imaginariamente, um projeto alternativo de leitor que o retira da condição de mero agente reproduzidor que atua na cooperação com o autor, e, então, colocado na posição de agente transformador da interação idealizada pelo autor empírico da crônica. Por isso, nela, dialogicamente, ainda que o autor empírico projete o autor-modelo e a sua contraparte cooperativa de leitor-modelo, é esperada, no interior desse projeto da produção, a gestação imaginária de um outro projeto de produção de sentido a partir da exterioridade do leitor empírico.

A alusão, estratégia textual, construída como ação de linguagem - e porque entendo que a linguagem é ação - indica que há o movimento de deslocamento do autor/leitor na busca da

construção interativa de sentido nas ações do “um” e do “outro”. Assim há, no contexto enunciativo, uma ação do “um” e do “outro” ou “outros” na constituição do sentido e quando falamos de ação da linguagem estamos aludindo à interação verbal de Bakhtin (1997 pág.110 ss).

Sendo assim, se há um movimento de produção por parte do autor, ele aciona estratégias que agem na constituição de seu leitor, que por sua vez sai da condição de mero ouvinte ou leitor para a posição e construção, também, de um “outro” no processo de compreensão, interpretação do ouvido ou lido.

Segundo Campos (2004)

O estudo teórico das estratégias textuais da alusão, na qualidade de estilo, pensado como relação autor/leitor – autor-modelo/leitor-modelo – obriga a pensar a produção de sentido do texto como processo de tensão articulado mnemonicamente pelo jogo das forças do esquecimento e da lembrança.

Eco (1994, pág.9) diz que todo texto se constitui como uma certa máquina preguiçosa, pedindo para ser movimentada. E são as estratégias textuais, no nosso caso, a escrita/leitura com o movimento de operação de sentido da alusão, que trazem para o texto este “outro” / “outros” omitidos.

Para Pina (2007, p.3)

o narrador em geral – e o narrador das crônicas de Machado de Assis, em especial – é um intérprete daquilo que narra. Interpretar não significa apenas traduzir idéias para uma linguagem mais acessível, significa, bem mais, trazer o objeto para cenas cujos valores e perspectivas são alteridades em posição dialógica.

Uma análise de alguns fragmentos de crônicas de Machado de Assis – que o tempo e o espaço somente isto permitem - tem como proposta delinear o leitor pressuposto de Machado de Assis na contemporaneidade, estabelecendo uma relação dialógica entre texto literário e a cotidianidade: o narrador estrategista em Machado, construindo um leitor também estrategista que faz o jogo alusivo, considerando-se a cena política e social da época.

Eco (1984, p. 99) no seu *Seis Passeios pelo bosque da ficção* afirma que um texto é um jogo de estratégias mais ou menos como pode ser a disposição de um exército para uma batalha, em que o “comandante” – o autor - dispõe de seus soldados, procurando imaginar um modelo de pensar do seu “oponente” – o leitor - de ser um sujeito que raciocina de tal modo

Em “*Bons dias*”, percebe-se o estilo machadiano de capturar seu leitor: o narrador inicia sua crônica cumprimentando seu interlocutor, aludindo a um sujeito que com um cumprimento indicia-se um estrategista, porque, educado no seu sentido mais amplo, mexerá estrategicamente as peças tal como o proporia ao seu leitor. E, ao dizer que há leitor e leitor, indica que um texto ou suas crônicas são um jogo de estratégias mais ou menos como pode ser a formação de um exército para uma batalha, em que o autor dispõe de seus soldados, procurando imaginar um modelo de pensar do seu leitor ser um sujeito que raciocina de um certo modo. Para levá-lo a racionar ao seu modo, o “comandante” dispõe seus soldados de forma a que o “opositor” seja induzido a racionar e a reagir de tal maneira a imaginar a imagem de como aquele tem a lhe oferecer, através da disposição das tropas. Se seu jogo tiver êxito, o outro reagirá de modo a fazer triunfar seu texto estratégico. Naturalmente, também o outro – o leitor – se encontra na mesma situação. Contudo, esse desenvolve estratégias mais interessantes que aquelas imaginadas por aquele e obriga a este – o autor – a comportar-se como estrategista-modelo proposto pelo leitor:

BONS DIAS!

Hão de reconhecer que sou bem criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas, não senhor: chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhe os bons dias. Agora, se o leitor não me disser a mesma cousa, em resposta, é porque é um grande mal criado, um grosseirão de borla e capelo; ficando, todavia, entendido que há leitor e leitor, e que eu, explicando com tão nobre fraqueza, não me refiro ao leitor, que está agora com este papel na mão, mas ao seu vizinho. Ora bem! (BD 69, 1888)

Em “Não sei pó onde comece, nem pó onde acabe. Ante mim tudo é confuso, os fatos giram, cavalgam outros fatos, sobem ao ar e descem à terra, como estão fazendo as pedras e lavas do vulcão Llama.” (A Semana, 3-11-1895) alude à forma como os acontecimentos se dão e têm que ser relatados ao seu leitor. E ao mesmo tempo remete ao vulcão a que ele lança o leitor e esse se deixa lançar na produção de sentidos, pelo jogo alusivo. Ou, seja, se o jogo alusivo provoca o deslocamento da leitura, o que M. Assis faz com suas crônicas, é deslocar tanto o seu leitor dos oitocentos para que enxergasse nos fatos políticos, sociais, econômicos de seu tempo como provoca o mesmo movimento no leitor da contemporaneidade que, com sua memória, recupera os oitocentos e metaforiza a sua contemporaneidade.

A coletânea “*A Semana*” acaba por ser uma “invenção” de Machado que cria a sua semana, para que ela seja menos inflamada e tenha seus bons dias e terminando com boas noites, uns e

outras temperados pelo humor, pela ironia fina, pelas metáforas que constituem o jogo alusivo no trato e relato dos fatos do cotidiano.

Mas aqui está o que é, eu sou um pobre relojoeiro, que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício. A única explicação dos relógios era serem igualzinhos, sem discrepância: desde que discrepam, fica-se sem saber nada, porque tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro. (A Semana,)

Nesse fragmento o narrador remete ao complexo momento histórico e toma a metáfora do relógio para denunciar o descompasso entre os discursos do governo no que se refere à Abolição – tema na ordem do dia de todas as discussões: “*os relógios deste mundo não marcam a mesma hora,*”.- não há um coesão entre os discursos e entre eles e realidade que os alimentava. Remete também ao descompasso entre os fatos da semana e a “sua semana” quando ele os relata e, também, alude à relação assimétrica que autor e leitor mantêm na produção de sentido das crônicas e da interpretação dos fatos reais e ficcionais.

Nos fragmentos

(1) Deus fez programa, é verdade (“E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida”- Gênesis, I, 26); mas é preciso ler esse programa com muita cautela. Rigorosamente, era um modo de persuadir ao homem a lata linhagem de seu nariz.(BD, 1888, 69)

(2) Voltemos aos apóstolos. Que direito tinha S. Pedro de dominar os acontecimentos da semana? Estava escrito que ele negaria três vezes o divino Mestre, antes de cantar o galo. Cantou o galo, quando acabava de o negar pela terceira vez, e reconheceu a verdade da profecia. Quanto a S. Paulo, tendo ensinado a palavra divina às igrejas de Sicília, de Gênova e de Nápoles, viu que alguns a sublevaram para torná-las ao pecado (ou para outra cousa), e lançou uma daquelas suas epístolas exortativas; concluindo tudo por ser levado o conflito a Roma e a Jerusalém, onde os magistrados e doutores da lei estudavam a verdade das cousas. (A SEMANA, 102,1892)

temos alusão ao discurso bíblico:

(1a) E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para que presida”- Gênesis, I, 26

(2a) Entretanto, eu estava todos os dias convosco no templo, e não estendestes as mãos contra mim; mas esta é a vossa hora e do poder das trevas. Prenderam-no então e conduziram-no à casa do príncipe dos sacerdotes. Pedro seguia-o de longe. Acenderam um fogo no meio do pátio, e sentaram-se em redor. Pedro veio sentar-se com eles. Uma criada percebeu-o sentado junto ao fogo, encarou-o de perto e disse: Também este homem estava com ele. Mas ele negou-o: Mulher, não o conheço. Pouco depois, viu-o outro e disse-lhe: Também tu és um deles. Pedro respondeu: Não, eu não o sou.

Passada quase uma hora, afirmava um outro: Certamente também este homem estava com ele, pois também é galileu. Mas Pedro disse: Meu amigo, não sei o que

queres dizer. E no mesmo instante, quando ainda falava, cantou o galo. Voltando-se o Senhor, olhou para Pedro. Então Pedro se lembrou da palavra do Senhor: Hoje, antes que o galo cante, negar-me-ás três vezes. (Lc 22, 54 -61).

Nestas passagens bíblicas, acionadas pela memória, o que se tem num primeiro momento é a alusão à reprodução dessas passagens pela paráfrase, quando Machado faz entrar com o outro, o mesmo. Mas, ao fazer entrar a diferença, há o acréscimo que possibilita a transformação, o deslocamento da reprodução da paráfrase, que é a face do pastiche. Com isso a alusão passa a ser o espaço tenso de dois outros: o outro que entra com a reprodução das histórias bíblicas e o outro que transforma tais histórias pelo acréscimo quem vem com o pastiche.

Tanto nas passagens bíblicas, quanto nas relações político-sociais explicitadas nas crônicas tem-se a alusão pela reprodução dessas relações tanto pelo lado do sagrado, quanto pelo lado do profano.

A tradição do profano, com o acréscimo, na mão de Machado, transforma o sagrado e o que se obtém é a alusão que, simultaneamente, sugere para o profano as imagens do sagrado e para o sagrado as imagens do profano. Nesse caso a alusão é, pois, essa mistura tensa entre o sagrado e o profano: o profano alude ao sagrado como, ainda, alude ao profano infiltrado pelo sagrado. Há partes do profano que entram pelo sagrado, há partes do sagrado que entram no profano.

Ao utilizar-se da metáfora, ele indicia que não há uma palavra neutra, mas uma palavra habitada, atravessada por outros discursos que fizeram parte da vivência do autor empírico Machado e ou do seu leitor empírico, seja daquele que viveu e o leu, seja o da contemporaneidade, não viveu aquele tempo, mas é um conhecedor dos meandros políticos e sociais do século XIX.

Conclusão

Acredito que para quem sabe lê, um pinguêlê... porque ler e escrever, também, com a alusão, é pensar em relação dialógica. É entender e prever que o autor-modelo que faz alusão, precisa pensar na ação responsiva, precisa da ação de seu leitor-modelo.

Para o leitor da contemporaneidade que lê Machado ou o leitor contemporâneo de Machado, um *pinguêlê* se esse leitor for aquele que, em cujo texto figuram as estratégias textuais da alusão, operar com a constituição progressiva e inacabada do todo. E com uma certa estrutura e estruturação constantes, contínuas, sempre provisórias, sujeitas à atividade de novos escritores e novos leitores, que, em sendo “míopes” conseguem ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior número.

Se para nossos avós “*pra quem sabe lê um pinguelê...*”, foi, também, lendo os pingos, os fragmentos, que li algumas crônicas de Machado de Assis, pelo jogo alusivo, articulado metaforicamente e metonimicamente pois “*as palavras eram feitas de pedaços e cabia à gente juntá-las. No escuro com linha escura e cautela, eu ia amarrando as letras, somando partes com cuidado, (...)*” (QUEIRÓS, 1997,p.38)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGELO, Ivan. *A crônica*. Disponível em

<http://vejasaopaulo.abril.com.br/revista/vejasp/edicoes/2005/m0127378.html>. Acesso em 26/6/2008.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. A Semana. Bons dias. In: *Obra completa*. RJ: Editora Nova Aguilar S.A, 1985. v III.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Pereira Maria E. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* Trad. Lauhd, Michel e Vieira, Yara Frateschi. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 407-417.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. T. Queiroz, 1979.

CAMPOS, Edson Nascimento. Texto e interação: o estilo – estratégia textual . In: PERES, Ana Maria Clark ;PEIXOTO, Sérgio Alves e OLIVEIRA, Silvana Pessôa. *O Estilo na Contemporaneidade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.p.167-180

_____, CURY, Maria Zilda Ferreira. Fontes primárias: saberes em movimento. São Paulo: *Revista da Faculdade de Educação/USP*, 1997 v. 23, n.1, 2. p. 303-313, jan./dez, 1997.

_____. A relação entre o produto e o processo na escrita do texto. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, 1986. v. 2, 3, p. 51-52.

ECO, Humberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. FEISt, Hildegard. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, E. OTTONI, P.(orgs) *Traduzir Derrida –políticas e desconstruções* . Campinas, SP: Mercado de Letras,2006

GLEDSOON, John. *Por um novo Machado de Assis – ensaios*. SP: Companhia das Letras. 2006.

PAULINO, Graça e WALTY, Ivete. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Ed. LÊ, 1995.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Um narrador muito abelhudo: a crônica machadiana no final do século XIX*. 2007 (no prelo)

TORGA, Vânia L. M. *O movimento de sentido da alusão: uma estratégia textual de leitura do livro “Ler, escrever e fazer conta de cabeça”*, de Bartolomeu Campos Queirós.. Dissertação de Mestrado em Estudos Lingüísticos.Faculdade de Letras, UFMG,Belo Horizonte,2001

_____. *O Risco do Bordado* de Autran Dourado: a alusão nos gêneros textuais: o romance e a tese.. Tese de Doutorado em Lingüística. Faculdade de Letras. UFMG, Belo Horizonte, 2006

¹**Vânia Lúcia Menezes TORGA**, Prof.a Dra

Prof.a Adjunta do DLA da Universidade Estadual de Santa Cruz –DLA

vtorga@uol.com.br